
GLOCALIZAÇÃO, RETERRITORIALIZAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM AGRO-RURAL: ALGUMAS REFLEXÕES A PROPÓSITO.

António Covas - Universidade do Algarve, Faculdade de Economia - E-mail: acovas@ualg.pt

RESUMO:

Está em curso um processo paradigmático de *glocalização* assimétrica. O global corre muito mais velozmente do que o local, a desterritorialização muito mais depressa do que a reterritorialização, a deslocalização muito mais célere do que a relocalização. Por estas razões, o processo de *glocalização* é um campo instável entre forças centrípetas e forças centrífugas e a essa relação tensa são particularmente vulneráveis a agricultura, o ambiente e o desenvolvimento local. Adiante alguns princípios de doutrina e características básicas dos produtos *glocais* que podem recolocar os problemas actuais numa base de partida mais prometedora.

Palavras-chave: *glocalização*, desterritorialização, reterritorialização, produtos *glocais*, economia ecossistémica, agroecossistemas.

Códigos JEL: Q1, Q2, R5.

ABSTRACT:

A paradigmatic process of asymmetric *glocalization* is on progress. The global factor prevails on the local one, the *deteritorialization* moves quicker than *reterritorialization* and *delocalization* more than *relocalization*. For these reasons, the *glocalization* process is an unstable ground between centripetal and centrifugal forces in action and, in this context, the agricultural, environmental and local development policies are rather fragile. Therefore, I put forward some reflexions on this issue, by using the concept of *glocal* goods and services within a broad ecosystemic approach.

Keywords: *glocalization*, *deteritorialization*, *reterritorialization*, *glocal* goods, ecosystemic economics, agroecosystems.

JEL Codes: Q1, Q2, R5

Está em curso um processo paradigmático de glocalização assimétrica. O global corre muito mais velozmente do que o local, a desterritorialização muito mais depressa do que a reterritorialização, a deslocalização muito mais célere do que a realocação. O estado da arte nesta matéria é muito complexo. Vejamos alguns princípios de doutrina que podem recolocar os problemas actuais numa base de partida mais prometedora:

1. GLOCALIZAÇÃO E RETERRITORIALIZAÇÃO, OS GRANDES PRINCÍPIOS REGULADORES.

1) da visão egocêntrica para a visão ecocêntrica: a emergência da razão agroecológica e ecossistémica, um longo percurso que ganha forma todos os dias e cuja consciência é precipitada pelas alterações climáticas e o aquecimento global;

2) da produção e do rendimento para as redes de segurança, as externalidades e os riscos globais: na equação do futuro os bens públicos e de “mérito” prevalecerão e conformarão os bens mercantis;

3) dos mercados do presente para os mercados de futuro: na equação do tempo a previsibilidade e a estabilidade dos mercados agro-alimentares deverão prevalecer sobre a instabilidade e a especulação, donde a importância dos mercados de futuro;

4) das explorações isoladas para os sistemas produtivos locais: importa privilegiar todos os processos de aprendizagem colectiva, cooperativa e comunitária no interior dos “sistemas produtivos locais” onde é mais fácil formar e renovar o capital social existente;

5) dos agrossistemas para os agroecossistemas: a conversão dos sistemas convencionais é um longo caminho a percorrer que nos levará desde a investigação convencional até à investigação ecossistémica e às práticas agroecológicas;

6) do binómio cidade-campo para o continuum cidade-campo: as redes de fluxo organizadas e a renaturalização do continuum serão, no futuro, o território de eleição e o sistema circulatório por onde transitarão os produtos do campo.

2. OS PRODUTOS GLOCAIS E A CERTIFICAÇÃO DOS TERRITÓRIOS

Neste contexto, vejamos como os produtos “glocais” são fundamentais para certificar os territórios e decisivos para gerar novas territorialidades agro-rurais:

1) Os produtos de proximidade ou a importância da formação de uma economia local: a proximidade é um valor que é necessário redescobrir em termos de economia de um sistema produtivo local; infelizmente, a investigação económica relegou para plano secundário o estudo sobre a microgeoeconomia dos sistemas locais.

2) Os produtos limpos e justos ou a importância da segurança alimentar e do comércio justo: os produtos glocais são produtos limpos e justos; por isso, é preciso decidir se queremos uma economia curativa de elevada carga fiscal, que socializa os prejuízos e privatiza os benefícios, ou uma economia preventiva de baixa carga fiscal, assente em produtos limpos e justos,

3) Os produtos autóctones ou a importância da conservação e biodiversidade: os produtos glocais são, em primeira instância, produtos autóctones; a biodiversidade é o derradeiro recurso de um território,

porém, a conservação não se realiza em santuários naturais; os produtos locais certificam a importância das actividades de conservação e biodiversidade como actividades imprescindíveis à economia da produção;

4) Os produtos de baixa intensidade energética ou a importância da economia energética local: os produtos locais são produtos de baixa intensidade energética; a investigação eco-energética deve providenciar informação sobre os vários sistemas descentralizados de microgeração, a sua viabilidade e conexão com os recursos endógenos renováveis.

5. Os produtos de baixa intensidade hídrica ou a importância da economia da água: os produtos locais são produtos de baixa intensidade hídrica; a água é um recurso escasso com um custo de exploração crescente; os objectivos a atingir são a poupança, a eficiência, a reciclagem e a recolha de águas pluviais.

6) Os produtos de baixo índice de mobilização ou a importância de uma boa regeneração do solo agrícola: os produtos locais são produtos de baixo índice de mobilização do solo agrícola; não se trata apenas de reduzir os índices e os custos de mecanização mas, também, de converter a agricultura convencional aos métodos agroecológicos de mobilização mínima e sementeira directa.

7) Os produtos de ciclo fechado ou a importância de uma boa gestão de externalidades: os produtos locais são produtos de ciclo fechado, os seus resíduos são considerados “externalidades” do processo de transformação e incorporados no sistema produtivo; o “ciclo fechado” reconsidera as opções tecnológicas realizadas no sentido de uma maior proximidade com o funcionamento dos sistemas naturais do ecossistema.

8) Os produtos amigos da paisagem ou a importância de uma boa gestão do mosaico paisagístico: os produtos locais são produtos que realizam uma gestão global da paisagem e quanto maior o número de funcionalidades e ligações do mosaico paisagístico maior o grau de auto-suficiência dos agroecossistemas respectivos; a paisagem é uma externalidade do processo produtivo e deve ser devolvida à origem sob a forma de uma externalidade positiva.

9) Os produtos com intensidade de rede ou a importância da formação do capital social: os produtos locais são produtos com elevada intensidade de rede, isto é, são geradores de capital social; quer dizer, os produtos locais não são indiferentes às relações sociais que implicam.

10) Os produtos com identidade ou a importância da formação do capital simbólico: os produtos locais são produtos com identidade, podemos ver ou ler a história local através deles; por esta via, os produtos locais são veículos de comunicação simbólica com o exterior da região, promovem os seus produtos, são os embaixadores de um território.

5. CONCLUSÃO

Encontrar o equilíbrio entre a economia da produção, a economia da protecção e a economia da diversificação é o segredo de uma economia agro-rural. Todavia, devemos evitar o risco de uma excessiva ambientalização da política agrícola sob pena de reduzirmos a base produtiva da economia rural. E, acima de tudo, falar de ambientalização da política agrícola exige que se reflecta sobre a passagem necessária da eco-condicionalidade para a eco-racionalidade ou, se quisermos, do “subsídio por direito ao prémio por merecimento”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Covas, António, *Ruralidades III: Temas e problemas do mundo rural pós-agrícola e pós-convencional*,
Faro, Universidade do Algarve, 2008

